19:04 Vo)) LTE 24%

_ SEG_ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Elio Gaspari _ Inaçuã Santana (quinzenal) _ Washington Oliveira (quinzenal)
_ TER_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ QUA_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Saviatto (quinzenal) _ QUI_ Merval Pereira _ Nati Gaspar
_ SEX_ Vera Magalhães _ Fábio Oliveira _ Pedro Dutra _ Bernardo Mello Franco _ SÁB_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Paulo Cristóvão _ DOM_ Merval Pereira _ David Hanazaki _ Bernardo Mello Franco

DEMÉTRIO MAGNOLI

blogs.oglobo.globo.com/aprimeira
editoria.artigos@oglobo.com.br

O lugar do Brasil, segundo Lula

Uma política externa oscilante, inconsistente — eis o que pensa a revista The Economist. "Lula quer que o Brasil seja todas as coisas para todos: um amigo do Ocidente e um líder do Sul Global, um defensor do meio ambiente e uma potência petrolífera mundial, um promotor da paz e um amparo para os autocratas". O diagnóstico gira em falso, como refém da retórica ilusionista do governo. De fato, existe uma Doutrina Lula.

A orientação de política externa pode ser decifrada a partir de dois movimentos estratégicos. O primeiro renega o discurso oficial; o segundo elimina suas ambivalências.

1. O Novo PAC lançado pelo governo, no eixo consagrado à transição energética, prevê recursos de R$ 565,4 bilhões, dos quais 64% para óleo e gás e meros 12% para fontes limpas. Os investimentos em combustíveis fósseis fluirão principalmente do Estado, enquanto as fontes alternativas dependerão de financiamento privado.

2. O Brasil aumentou radicalmente seu intercâmbio com a Rússia desde a invasão da Ucrânia. O crescimento apoiou-se especialmente nas importações de petróleo, diesel e fertilizantes. As importações de diesel saltaram de 101 mil toneladas em 2022 para 6,1 milhões em 2023 — ou, em valores, de US$ 95 milhões para US$ 4,5 bilhões. No cenário do embargo europeu, o Brasil converteu-se no terceiro maior importador de hidrocarbonetos russos, atrás apenas da China e da Turquia.

O Acordo de Paris, a matriz baseada na fonte hídrica, a Amazônia e Marina Silva organizaram o discurso inaugural de política externa do governo Lula. Era ilusão: o Brasil chega às vésperas do G20, no Rio de Janeiro, e à antevéspera da COP30, em Belém, sem uma estratégia de transição energética. O discurso sobre a "liderança climática" funciona como rarefeita cortina de fumaça destinada a ocultar a Doutrina Lula.

As ambivalências sobre a guerra imperial russa circulam unicamente na superfície da retórica diplomática. Reiterando o gesto original de Bolsonaro, Lula oferece "solidariedade" à Rússia. A visita de Celso Amorim ao Kremlin e a visita de Lavrov a Brasília, logo após a ordem de prisão emitida pelo TPI contra Putin, evidenciam a direção para a qual aponta a bússola de política externa.

O PT é parceiro do Rússia Unida, partido de Putin. Quase um ano atrás, à sombra da guerra de agressão na Ucrânia, participou de um fórum sobre "neocolonialismo" promovido pelo partido putinista. Logo mais, a convite do Rússia Unida, uma delegação oficial petista acompanhará a farsa eleitoral russa montada para simular legitimidade democrática a mais um mandato de Putin.

"Para que essa pressa de acusar alguém?", indagou o presidente brasileiro, antes de criticar os governos que responsabilizam o regime russo pela morte de Navalny. Lula "compreende os interesses de quem acusa" e recomenda aguardar as conclusões dos legistas a serviço do Kremlin. A presença pessoal de Putin no G20 é uma meta difícil perseguida por Lula.

Cuba, Venezuela, Nicarágua. Aponta-se, desde o primeiro mandato lulista, a crônica inclinação à solidariedade com regimes ditatoriais de esquerda. A crítica não se aplica, porém, ao regime de Putin.

O governo russo, em aliança com o patriarcado ortodoxo de Moscou, combina o nacionalismo grão-russo com um conservadorismo extremo. O chefe do Kremlin conta com admiradores como Trump, Orbán e líderes da extrema direita europeia. Bolsonaro admirava Putin por compartilhar com o russo o conceito de uma ordem social baseada na família tradicional. Lula figura na lista, mas não por motivos ideológicos. Sua parceria com Putin deriva de uma visão estratégica.

A Doutrina Lula tem como norte o Sul Global, expressão altamente imprecisa que substitui o antigo conceito de Terceiro Mundo e atualiza a noção de anti-imperialismo. Em sua versão atual, adotada por uma esquerda irreformável, anti-imperialismo é, antes de tudo, hostilidade aos Estados Unidos e a seus aliados europeus. O Brasil de Lula almeja um lugar de destaque numa coalizão internacional anti-Ocidente. Nessa visão, China e Rússia emergem como parceiros privilegiados.

Lula tem rumo — eis aí o verdadeiro problema.

ARTIGO

Espaço para refinarias privadas

EVARISTO PINHEIRO

O Brasil que sonhamos é pujante, com crescimento econômico sustentável, empregos e salários atraentes, um mercado de massas em condições de consumir e uma sociedade mais justa e inclusiva. No plano externo, ele é competitivo, disputando com as demais nações um espaço adequado na cadeia global de produção.

Para que isso aconteça, precisamos nos livrar das amarras que nos atam ao passado. Não precisamos jogar fora tudo e começar do zero. Mas é fundamental evoluir, posicionar-se diante das novas demandas, abrir espaço para novas oportunidades e experiências.

Essas contradições estão bem explicitadas no setor de petróleo, óleo e gás. Na década de 1950, sob o lema "O petróleo é nosso", fazia sentido termos a Petrobras como *player* única, concentradora de mercado. Era um reforço da identidade nacional, tínhamos um setor iniciante sem noção da riqueza disponível em mãos.

Hoje a realidade é outra. Temos carências e necessidades a satisfazer e, por mais eficiente e capilarizada que seja, a Petrobras não consegue atender sozinha o mercado nacional. Ela exerce o monopólio na extração, mas, no mercado de refino, os números são um pouco mais difusos. A empresa responde por 60%. Os outros 40% estão divididos, de maneira igual, entre importadores (20%) e refinadores privados (20%).

O Brasil tem um déficit diário de 650 mil barris para atender o mercado interno. Não podemos ficar reféns ou dependentes do mercado externo, com o risco de guerras e choques de preços que tornariam nosso abastecimento incerto e volátil. Precisamos investir no mercado interno. Como a Petrobras, sozinha, não tem condições para isso, a saída é atrair capital para a construção de mais refinarias privadas.

Não queremos o fim da Petrobras. Queremos, sim, mais espaço para os entes privados investirem no país

Se forem construídas 33 refinarias de médio e pequeno porte, a maior parte dessa defasagem seria resolvida. Parece uma operação complexa e demorada porque estamos acostumados à construção de grandes refinarias. Mas estamos falando de unidades menores, modernas e eficientes, próximas dos centros consumidores. Com a vantagem de ser projetadas com visão de transição energética sustentável, uma exigência dos consumidores atuais.

Por serem menos complexas, elas demandam investimentos menores. Uma unidade de grande porte, capaz de produzir acima de 70 mil barris por dia, requer investimentos médios de US$ 57,2 mil por barril de petróleo. No caso de Abreu e Lima, por diversos fatores, inclusive geológicos, esse valor é US$ 100 mil por barril. Uma refinaria de pequeno porte — capaz de produzir 20 mil barris por dia — requer investimento de US$ 20 mil por barril. Num cálculo inicial, as 33 refinarias custariam, ao todo, R$ 60 bilhões, com retorno de investimento (payback) entre 12 e 15 anos.

Para ter uma ideia da oportunidade de negócios, o Brasil tem uma população de 203 milhões e conta com 18 refinarias privadas. Os Estados Unidos, com população pouco acima de 300 milhões, tem quase 120 refinarias privadas, sinal do dinamismo e da capacidade de expansão desse mercado.

Precisamos criar linhas de crédito atraentes, pois o mercado financeiro nacional não está habituado a financiar refinarias. Ficamos acostumados com uma entidade monopolista, a Petrobras, ditando o ritmo de investimento e crescimento do setor. Sem dramas, pois já enfrentamos abertura noutros setores, e as questões se regularizaram com o tempo.

A Refina Brasil está conectada com esse futuro. Não queremos o fim da Petrobras. Queremos, sim, mais espaço para os entes privados investirem no país. O petróleo segue sendo nosso. E, com mais competidores, mais brasileiros poderão aproveitar esse recurso natural.

Evaristo Pinheiro, advogado, é presidente da Refina Brasil

ARTIGO

O mérito inútil de Joe Biden

MARCELLO AVERBUG

Algo inédito acontece nos Estados Unidos, conflitando com os ensinamentos da História a lógica da atividade política. Esse acontecimento influenciará o destino do país devido a seu impacto sobre as eleições de novembro.

O presidente Joe Biden vem implementando políticas que conduziram o país a uma situação melhor que a de anos anteriores e superior à de qualquer outra nação desenvolvida. A taxa anual de crescimento econômico durante o atual mandato presidencial foi superada apenas em quatro ocasiões nos últimos 24 anos. O desemprego está em 3,7%, nível historicamente baixo. Ao longo dos últimos três anos foram criados 17.973.000 empregos, enquanto no primeiro triênio do governo Donald Trump criaram-se 7.994.000.

Quando Biden se instalou na Casa Branca, o país estava em meio à turbulência provocada pela Covid-19. A maneira como enfrentou a pandemia e seus efeitos econômicos contribuiu para a tranquilidade nacional e a retomada da expansão do PIB. Inspirado pelo New Deal de Franklin Roosevelt, mobilizou o governo como incentivador de investimentos em infraestrutura, energia limpa e pesquisa tecnológica, além dos estímulos à indústria.

No tocante à inflação, depois do surto iniciado em 2021, que culminou nos 9% anuais em junho de 2022, foi obtida uma vitória em 2023, quando a taxa esmaeceu para 3,1%, com tendência declinante.

Apesar dos êxitos obtidos, a popularidade do presidente é baixa e, como consequência, sua reeleição está ameaçada

O fato inédito mencionado no início é o seguinte: apesar dos êxitos obtidos, a popularidade de Biden é baixa e, como consequência, sua reeleição está ameaçada. Independentemente de ser favorável a sua candidatura, é importante saber a explicação para essa débil popularidade.

A principal causa está na idade avançada (81 anos) e nos sinais de envelhecimento, embora Trump, aos 77 anos, seja quase tão idoso quanto Biden. Outra causa advém da percepção insuficiente da população sobre os avanços alcançados pelo país nos últimos três anos. Recente pesquisa da CNN revela que mais de dois terços do povo americano descrevem a economia como ruim; 55% dos entrevistados pelo Financial Times consideram sua condição financeira pior do que quando Biden assumiu.

Analistas atribuem a percepção pessimista ao fato de os americanos continuarem encarando a inflação como principal problema, apesar do substancial declínio. Usando como parâmetro os preços anteriores à onda inflacionária, nutrem a expectativa de retorno ao custo de vida precedente. Esquecem que há inflação apenas quando os preços continuam aumentando, e não quando permanecem altos, comparando com o passado, mas estáveis.

Portanto, tudo indica que o resultado eleitoral dependerá do comportamento de dois fatores: a relevância atribuída à idade de Biden e o grau de percepção popular dos avanços econômicos e monetários ao longo da atual Presidência.

Marcello Averbug é consultor econômico em Washington e economista aposentado do BNDES